

A AGONIA DA ESPERA

Beth Veloso

Da equipe do Correio

Segunda-feira, 7h30. Uma imensa fila faz curva em frente ao Centro de Saúde nº 8 do Gama. Será que todo mundo ficou doente de uma vez só? Não. A fila era "para colocar o nome no livro", diziam as pessoas humildes, algumas abatidas, todas aflitas. O termo, que está na ponta da língua de gente muito simples, é a apenas mais uma etapa de um complicado e burocrático processo de marcação de consultas.

A manhã de ontem foi a única oportunidade para as pessoas batalharem uma consulta com um especialista para o mês de setembro. Para agosto não há mais vagas. Às 8h30, a fila se desfez, mas muitos preferiram esperar horas, um dia inteiro que fosse, se tivessem garantido a consulta. Poucos tiveram sorte. A dona de casa Zélia Pereira Andrade, 36 anos, do Pedregal, não segurou o choro quando a funcionária Daise informou: acabaram-se as vagas para cardiologia.

"É desespero. Tenho um filho com sopro no coração e não consigo", explicou o motivo das lágrimas, constrangida em expor o seu drama pessoal. Há exato um mês, ela tentou "candidatar-se" a uma consulta médica, mas havia chegado tarde demais. Quando a lista foi reaberta, no final de agosto, para consultas no mês de outubro, ela prometeu dormir na fila. Só não sabe se o filho, que jaz sobre uma cama, estará vivo.

LONGO CAMINHO

Zélia é apenas uma das inúmeras vítimas de um intrincado e perverso processo de marcação de consultas. No Gama, para fazer óculos, sarar de uma dor na cabeça ou tratar da perna, o doente tem que percorrer um longo caminho. Sofrido, cansativo e demorado.

O primeiro passo é consultar o clínico geral. Se o paciente estiver com um problema na vista, por exemplo, ele só chega ao oftalmologista se passar pelo clínico. Vai-se um dia. Segundo passo: colocar o nome na lista que vai para o Hospital do Gama, para marcação de consultas. Mais uma manhã desperdiçada. Terceiro passo: voltar ao posto médico um mês depois, quando a agenda retorna ao

Paulo de Araújo



Os pacientes enfrentam fila de dar voltas para marcar uma consulta com dois meses de antecedência no Centro de Saúde nº 8, que atende a toda a população das cidades do Entorno

Centro de Saúde, para saber se a consulta foi marcada. Mais uma fila de espera. Quarto passo: ir ao Hospital do Gama consultar. E torcer para que o médico não esteja de licença.

As pessoas não entendem por que são pacientes *ioiô*. "É a maior frescura", diz o operário Frederico Vieira, 40 anos, do Pedregal, antes de dar meia volta para casa, com dor nos pulmões. Para a dona de casa Angelina Souza Silva, de Santa Maria, ser barrada pela segunda vez representou uma amea-

ça. Sem conseguir uma consulta ortopédica para o marido, o pedreiro Germir, de 50 anos, ela só podia esperar pelo pior: "O médico disse que se eu não conseguir uma consulta, tem que cortar a perna", disse, aos prantos.

ENTORNO

Por maior que fosse o choro de Angelina, ela teria mesmo poucas chances de conseguir uma consulta. Para ortopedia, em agosto, foram oferecidas apenas 35 vagas. Em setembro,

não será diferente. Com um detalhe: Angelina estava concorrendo com toda a população do Entorno, que agora está confinada ao Centro de Saúde nº 8. Por determinação da Regional do Gama, os moradores de Céu Azul, Jardim Ingá, Pedregal, Valparaíso, Cidade Ocidental, Luziânia e outras cidades das redondezas não podem mais ser atendidos nos outros oito postos de saúde do Gama. No Hospital Regional, só em caso de emergência ou com consulta marcada.

Em qualquer especialidade, a dificuldade é a mesma. No mês de agosto, a cota do Centro de Saúde nº 8 foi a seguinte: 28 vagas para neurologia, 14 para cardiologia, 28 para oftalmologia, 17 para dermatologia, 35 para ortopedia, e quatro para mastologia.

O coordenador da Regional e chefe do Hospital do Gama, Elvis Oliveira, justifica tanta escassez de atendimento: "Cada Centro de Saúde tem a sua cota". Elvis bate na mesma tecla da falta de médicos. Conta, por

exemplo, com apenas três cardiologistas. Mesmo assim, ele garantiu que o atendimento melhorou 100% depois do REMA.

"O Centro nº 8 é um caso atípico. Não estamos discriminando o paciente, mas não vai ter como estruturar os nossos serviços a partir do Entorno. É preciso que haja uma mudança de consciência e que os prefeitos parem de comprar ambulâncias para despejar pacientes no DF", dispara.